



## **Em busca das nascentes: narrativas sentipensantes com a água como potência para imaginar mundos**

Bruno Vilela Vasconcelos<sup>1</sup>  
Rafael Nogueira Costa<sup>2</sup>

### **Resumo**

O texto é um convite para o desafio de sentipensar a água e encontrar seus sentidos e significados a partir de fluxos narrativos em diálogo com dimensões políticas, poéticas e pedagógicas que apontem caminhos inspiradores para ampliação das imaginações. Busca percorrer o rio, da nascente à foz, por meio do processo imaginativo do encontro de saberes. Dialoga com a política do pensar a água nos diferentes contextos e os conflitos conceituais e práticos que emergem dos territórios com o rio Macaé. Conversa com a poesia do sentir a água presente nas diferentes manifestações e expressões de corpos hídricos. Conflui sentipensares que aproximam a diversidade da vida e suas diferentes formas de coabitar nos espaços. Propõe expandir percepções para a diversidade de fluxos e olhares que brotam como nascentes coletivas e mais que humanas, capazes de reconectar relações e fazer brotar do território hídrico alianças, sensibilidades e pedagogias potentes para descolonizar o imaginário coletivo. Conclui com a urgência de compreender a Educação Ambiental para além da visão antropocêntrica do sistema mundo colonial e manifesta a necessidade do aprender a partir da natureza, da escuta atenta dos rios e seus fluxos.

Palavras-chave: nascentes, fluxos narrativos, pedagogia da água, saberes coletivos, imaginário

### **Introdução**

Rios, mares, chuvas e trovões. Ciclagens e fluxos. Hidrata, refresca e limpa. Berçário, substância vital. Poluição, desperdícios e escassez. Disputas e conflitos. Histórias e memórias: água. Independente da circunstância, o elemento água está sempre no inconsciente da sociedade, pois é uma necessidade vital, logo, transita no imaginário coletivo.

Podemos pensar o nosso imaginário como um rio que nasce limpo, cristalino e percorre diversos caminhos, podendo ser contaminado ao longo do percurso. Esse processo pode gerar uma “poluição do imaginário”, por exemplo, excesso de ultraprocessados e energias incompatíveis com a vida. Uma metáfora interessante seria pensar o processo de retificação

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Bacharelado em Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), [brunovilelav96@gmail.com](mailto:brunovilelav96@gmail.com).

<sup>2</sup> Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), vinculado ao Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade, [rafaelnogueiracosta@gmail.com](mailto:rafaelnogueiracosta@gmail.com).

dos rios. Dessa forma, a retilinização simboliza a pobreza dos fluxos imaginativos, promovendo enxurradas, alagamentos e mortandade de espécies que ocupam esse espaço comum dos rios e outros sistemas aquáticos. Uma imaginação poluída e retificada pode ser atribuída ao processo de criação do sistema-mundo capitalista moderno/colonial (Grosfoguel 2008) que submergiu e afundou ontologias e saberes com a natureza. Para esse alagamento e afogamento das vidas imersas em colonialidades, sejam elas do ser, do poder e do saber (Ballestrin 2013), bem como do ver (Barriendos 2019), se faz necessária uma descolonização do imaginário (Dilger, Lang & Pereira 2016) e do imaginar (Costa et al. 2021). Mediante a esse contexto e inspirando-se em Spivak (2010) e Almada e Venancio (2021), questionamos: Pode um rio falar? Pode a água se expressar? Que seres e saberes compõem a ciranda das águas?

Os conhecimentos tradicionais e populares, que Nego Bispo (2015) chama de orgânicos, os saberes do compartilhamento (Leal et al. 2019), brotam da terra como nascentes, acompanhados de narrativas que emergem como alternativas para pensar e experimentar outros devires possíveis. Já os conhecimentos que exploram a natureza, ou seja, sintéticos (Santos 2015), que expropriam (Leal et al. 2019) e consideram a água como um “recurso hídrico”, atribuem significados instrumentais e utilitários como narrativa dominante, represando corpos hídricos a recipientes de destruição, dominação e opressão em um sistema de lucro acima da vida. Nesse curso, a água vira mercadoria (Kopenawa & Albert 2015), é dominada, engarrafada e múltiplas histórias são suprimidas. Realidades imersas em injustiças ambientais, como a contaminação de corpos hídricos<sup>3</sup>, reduzem a sociobiodiversidade. Desse mergulho surge a nossa principal questão: Como ouvir, ver, sentir e imaginar a “educação pela água”?

Nas correntezas dos rios, é possível percorrer por diferentes dimensões que misturam culturas e naturezas, manifestadas em diferentes memórias que emergem do próprio elemento água e seus caminhos. Uma gota conta infinitas histórias. É esse tipo de suspensão do imaginário que admite construções coletivas e confluentes (Santos 2015) para repensar, e re-sentir, caminhos que configuram a relação entre memórias e conflitos.

As disputas pela água exigem perspectivas que ativem o imaginário (Costa et al. 2021) e suas cartografias (Sato 2011). O fluxo do rio é um convite para propostas sensíveis e expansão da imaginação. Compreender a hidrosfera também como conjunto de narrativas sobre, com e a

---

<sup>3</sup> Consideraremos todos os corpos hídricos, não só ecossistemas como rio, mares e lagos, mas também, organismos que contém água, que formam corpos com a água, como os seres vivos.

partir da água, permite a construção de uma reconexão eco-anthro-política sentipensante, pensando-a também como território. Portanto, nossa hipótese é que encontraremos nas águas um potencial reservatório de histórias que contribuam para a construção do imaginário social coletivo.

Por meio dessa fluida mistura de essências e problemáticas, o projeto de pesquisa/extensão *imaginamundos*, vinculado ao Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade da UFRJ em Macaé, tem como desafio um convite para sentir e pensar a vida, encontrar seus sentidos e significados a partir de fluxos narrativos em diálogo com afluentes políticos, poéticos e pedagógicos que apontem caminhos inspiradores e imaginativos. O grupo organizou coletivamente um curso de formação “*Construção de propostas metodológicas em Educação Ambiental: a questão hídrica*”<sup>4</sup>, com parceria do Centro de Formação Continuada Professora Carolina Garcia (CFCG), Macaé, que contou com a presença de convidados que pensam a água em diferentes contextos para repovoar a imaginação coletiva a partir de diálogos cruzados e conexões com a água. Partimos de um diálogo entre docentes da educação básica e do ensino superior, ao declararmos nosso interesse em escutar com o sentimento, técnica e imaginação o curso do Rio Macaé (RJ). A jornada começou com encontros síncronos, realizados durante a Pandemia do Covid-19, que nos isolou em nossas conchas. *Isolad@s*<sup>5</sup>, estamos no início das produções das nossas pérolas. Imersos em uma crise, não só hídrica e ambiental, mas civilizatória planetária, abordada por Paolo Massoni<sup>6</sup> (2021) em *nosso curso*<sup>7</sup>, se fazem necessários outros mundos. Por se manifestar também em contextos locais, navegaremos pela Bacia Hidrográfica do Rio Macaé, da nascente à foz, perpassando fluxos, afluentes e confluências para pensar mundos mais que humanos em coabitação.

---

<sup>4</sup> O curso de formação “*Construção de propostas metodológicas em Educação Ambiental: a questão hídrica*”, se deu em seis encontros ao longo de dois meses, foi ministrado coletivamente por integrantes do grupo de pesquisa/extensão *imaginamundos* e contou com a presença de convidados como Paolo Massoni (UNIRIO), Maurício Molisani (UFRJ), Raphael Vianna (UERJ), Michèle Sato (UFMT), Sônia Palma, Francisco Esteves (UFRJ) e Ana Petry (UFRJ).

<sup>5</sup> O termo faz uma analogia a obra coletiva “*Isolad@s: reflexões artísticas e teórico-críticas sobre o isolamento social no contexto da pandemia*” que reúne ensaios, artigos, poesias, prosas e ilustrações de diferentes colaboradores do Núcleo Estudos e Pesquisa em Educação, Filosofia e Linguagens (Nepefil/UFES).

<sup>6</sup> Paolo Massoni é doutorando da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e participou como palestrante do 1º encontro do Curso Formativo “*Construção de propostas metodológicas em Educação Ambiental: a questão hídrica*”.

<sup>7</sup> O curso do rio, uma metáfora perfeita para pensarmos a água.

## Nascentes e fluxos imaginativos: onde brotam e formam imaginários?

Nascentes são espaços em que um novo curso de manifestação das águas se inicia. Essa gênese se dá a partir do brotamento advindo de águas de outros espaços e tempos que se acumulou, após chuvas, no lençol freático pelo processo de infiltração (Press et al. 2006). Esse brotamento, além de dar início a rios e riachos, dá início a vida. É a água como gênese, formação, como bem traz a educadora Michèle Sato<sup>8</sup> em um dos nossos encontros formativos.

Juntamente com a vida, surgem também narrativas e saberes, muitos deles ancestrais. Davi Kopenawa (2015), diz que seus ancestrais habitavam as nascentes dos rios muito antes da chegada dos europeus e neoeuropeus. Entendemos narrativas como contação de histórias, admitindo que essas são contadas por diversos sujeitos, seus conhecimentos e sabores<sup>9</sup> (Santos 2019). Essa narrativa, como expressividade da vivência, se personifica<sup>10</sup> em sujeitos além da perspectiva humana antropocêntrica, tal como as árvores, os peixes ou o próprio rio. Ailton Krenak (2019), quando remete ao rio Doce, o invoca como um sujeito que faz parte da construção coletiva do povo Krenak, como seu avô. Assim como quando traz sensibilidade e intimidade com a montanha, sendo possível interpretar como será o dia em seu povo (Krenak 2019). Essa perspectiva da personificação se torna importante para fazer brotar como nascente diálogos que rompem com visões carregadas pelas colonialidades (Junior 2018) e gerem perspectivas da natureza e suas metamorfoses (Coccia 2020) para além de recursos, promovendo aproximações e reencontros com a vida, visto que

Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. Do nosso divórcio das integrações e interações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos, não só aos que em diferente graduação são chamados de índios, indígenas ou povos indígenas, mas a todos (Krenak 2019: 49-50).

<sup>8</sup> Michèle Sato é docente da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) e participou como palestrante do 2º encontro do Curso Formativo “*Construção de propostas metodológicas em Educação Ambiental: a questão hídrica*”.

<sup>9</sup> Admite uma construção, não somente de conhecimentos, mas sim, saberes, “*sapere*”, que pelo seu sentido etimológico resgata as dimensões dos sentidos quando significa “exalar um cheiro; perceber pelo sentido do gosto”, também presente em sabores.

<sup>10</sup> A personificação e o sentido de pessoa, nesse contexto, dialoga com a expansão da humanidade tal como Ailton Krenak (2019) nos traz quando diz que “nós não somos as únicas pessoas interessantes no mundo”, quando admite o rio Doce, *Watu*, como pessoa e não recurso.

É a partir dessa dimensão e relação profunda com a natureza, de biodinâmicas e biorritmos (Rufino, Camargo & Sánchez 2020), que se torna possível ouvir, sentir e perceber o que o rio fala e buscar novas formas de aproximação e coabitação, sendo potencializados no território do imaginário (Costa et al. 2021).

Quando trazemos o imaginário neste mergulho, buscamos o sentido de espaço cognitivo responsável pela construção do ser mediada pelos sentidos e do que Costa et al. (2021) abordam como potência construtiva de sonhos, desejos e vontades em interdependência com os seres vivos, e, por esse motivo, acompanhado também de disputas que tentam invisibilizar e silenciar esses mundos. A imaginação se torna o passo primordial para a realização das utopias, ou seja, para a ação, e

Na imaginação ativa, a natureza já não é produto e recurso e, sim, parte integrante do ser, que, ao estar conectada a ela, passa a reivindicar sua saúde. Reivindicamos a imaginação ativa e a posse da capacidade criativa e inventiva pelos sujeitos. De mudança de sujeito consumidor desejante para sujeitos críticos, capazes de identificar os processos de subjetivação que o transformam em coisas, mercadorias. Dessa forma, vemos um sujeito que ganha a propriedade do seu tempo e a sua capacidade de ser e existir em plenitude. O sujeito proprietário de sua imaginação se torna protagonista e aponta para a transformação do real (Costa et al. 2021: 37).

Segundo Bachelard (1997), “a água nos leva para bem longe” e, nesse sentido, a imaginação e a água se misturam. As nascentes, como saberes e narrativas, brotam nesse fluxo imaginativo e passam a construir a estrutura de um rio principal, o rio do imaginário. Dessa maneira, podemos perceber que, pelo rio do imaginário, correm fluxos imaginativos e estes podem ser o que chamamos de *fluxos imaginativos laminares* e *fluxos imaginativos turbulentos*. Os fluxos imaginativos laminares são aqueles que as correntes são retas, que seguem um padrão paralelo, uma ordem. A esses tipos de fluxos atribuímos narrativas imersas no sistema de perpetuação das colonialidades, da visão tecnicista e exploratória da vida, como posturas necropolíticas.

No mesmo rio corre outro tipo de fluxo, os denominados fluxos imaginativos turbulentos. Estes fluxos são compostos por linhas em corrente que se misturam e são capazes

de cruzarem entre si, estabelecendo cruzamentos<sup>11</sup> imaginativos. Esses fluxos são aqueles capazes de gerar turbilhões e abalarem ordens e estruturas sólidas, potencializando a mistura das narrativas em coletivo. Estes estão presentes nas diversas vozes que foram historicamente silenciadas pela herança hegemônica da cosmovisão do homem ocidental branco europeu universalizante (Grosfoguel 2016), que resistem e reexistem, como as narrativas imaginativas femininas, indígenas, quilombolas, bem como as narrativas de ribeirinhos e pescadores, que compõem a história, ancestral e atual, de Macaé. Portanto, quais fluxos vamos seguir?

Assim, é por meio de nascentes e fluxos narrativos que flui o rio principal do imaginário. É nesse território de sonhos e realizações, de conflitos e poéticas, que emergem pedagogias contra-hegemônicas, descolonizadoras e mais que humanas.

### **Afluentes políticos: pensar com a água entre conflitos e contextos ambientais**

A Bacia Hidrográfica do Rio Macaé possui uma área de 1.710 km<sup>2</sup> de extensão e está presente no território fluminense, no Rio de Janeiro. É responsável por banhar mais de 200 mil habitantes da cidade de Macaé, municípios vizinhos como Rio das Ostras e abastece atividades socioeconômicas da região, como a atividade de petróleo (Freitas et al. 2015). Compreender a hidrodinâmica da bacia e do rio é fundamental para compreender os impactos socioambientais, da nascente até a foz.

Portanto, podemos afirmar que a qualidade e a quantidade de água que chega à foz do rio Macaé depende do que está acontecendo nas áreas mais altas da bacia. Todos os impactos ambientais que o rio sofrer ao longo do seu curso serão refletidos, de alguma forma, em sua foz, situada na cidade de Macaé (Freitas et al. 2015: 13).

Mediante a isso, tanto na nascente quanto na foz, é possível perceber pegadas devoradoras e marcas deixadas pelo grupo seletivo da humanidade, cada vez mais profundas (Krenak 2020). Segundo Esteves e colaboradores (2015), algumas das marcas mais presentes são: questões históricas, como a construção do Canal Campos-Macaé no século XIX e a chegada da Economia do Petróleo a partir de 1970; a redução da cobertura florestal; aterros,

---

<sup>11</sup> Esses cruzamentos imaginativos dialogam com a perspectiva dos *cruzos* na Pedagogia das Encruzilhadas de Luiz Rufino (2018).

assoreamento, drenagem e retificação<sup>12</sup> (Assumpção & Marçal 2012) do Rio Macaé; crescimento de atividades socioeconômicas e lançamento de efluentes sem tratamento; incêndios nas florestas e outros. Mesmo que todos sofram futuramente as consequências desses impactos, sabe-se que populações em áreas e condições socioeconômicas mais vulnerabilizadas sofrem diretamente essas injustiças, que se estendem além de sociais e ambientais, mas também sanitárias e cognitivas (Porto 2019).

Continuando o fluxo, os pesquisadores Maurício Molisani<sup>13</sup> e Raphael Vianna<sup>14</sup>, convidados do encontro formativo, trazem perspectivas que alimentam o curso desse rio de reflexões. Maurício Molisani (2021) traz questões que relacionam o chamado balanço hídrico, um sistema de contabilidade que caracteriza o quanto um rio é capaz de fornecer para uso, mostrando sua disponibilidade de consumo. Segundo dados trazidos no encontro, cerca de 52% da demanda hídrica do Rio Macaé é para uso industrial (Molisani 2021). O Rio Macaé abastece outros seis municípios do seu entorno (Esteves et al. 2015) e a falta de água para abastecimento humano é um problema local e global. Logo, torna-se necessário questionar e agir diante dessa demanda industrial no município. No entanto, todo esse contexto está profundamente imerso em questões complexas e “a complexidade gera complicações preditivas”, pois “vivemos em um contexto em que tudo demanda água” (Molisani 2021). Outros dados trazidos por Molisani (2021) apontam cenários com um percentual de comprometimento do rio de 80% a 100% já para o ano de 2022. Essa fala nos instiga a refletir criticamente sobre a lógica mercadológica e exploratória da água. Só existe “demanda”, da maneira apresentada, porque existe uma perspectiva puramente instrumental de compreender a água como um “recurso”, alimentando um ritmo acelerado de produção exploratória da natureza de Macaé. Esses fluxos imaginativos

---

<sup>12</sup> O processo de retificação do Rio Macaé foi realizado pelo extinto Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS), que nas décadas entre 1940 e 1980, realizou diversas obras de retificação de canais fluviais de Bacias Hidrográficas do Estado do Rio de Janeiro. Através da concretização e alargamento dos rios, visavam eliminar problemas ambientais como controle de enchentes e evitar a proliferação de malária, além de limpar planícies de inundação e aumentar terras secas para agropecuária. Essa modificação do curso dos rios vem produzindo diversas mudanças nas dinâmicas dos processos hídricos em Macaé e acarretando em outros problemas ambientais. Mais informações sobre o processo de retificação do Rio Macaé encontram-se no artigo citado de Assumpção e Marçal (2012).

<sup>13</sup> Maurício Molisani é docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Macaé, e participou como palestrante do 1º encontro do Curso Formativo “*Construção de propostas metodológicas em Educação Ambiental: a questão hídrica*”.

<sup>14</sup> Raphael Vianna é docente da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), e participou como palestrante do 1º encontro do Curso Formativo “*Construção de propostas metodológicas em Educação Ambiental: a questão hídrica*”.

laminares poluem o nosso imaginário, bem como poluem os corpos hídricos. O que é a água pra você?

Raphael Vianna (2021), enxerga a água como um *recurso híbrido* (VIANNA, 2018). Fluidas transformações históricas foram responsáveis por acometer a compreensão híbrida desse elemento: crenças curativas, águas virtuosas, água como alimento ou o embate entre recurso hídrico ou mineral (VIANNA, 2021). Vianna (2021) diz que a água, “um elemento não humano, foi responsável pelo crescimento de verdadeiras cidades”.

Outro apontamento que aguça nosso imaginário é o engarrafamento das águas. Vianna (2021), nos diz que, a partir do século XIX, o Brasil viveu um engarrafamento progressivo da água mineral devido a perspectiva química e medicinal das águas e pelo projeto civilizatório ao seu redor. Logo, além do engarrafamento da água, há um engarrafamento do imaginário, que busca aprisionar os sonhos, a vida e os mundos em recipientes sintéticos. Mais uma herança da modernidade/colonialidade (Ballestrin 2013).

Assim, contextos políticos e ambientais navegam pelo mesmo rio e precisam ser considerados em mistura, entrelaçados, em que áreas como a Ecologia Política possam emergir nos debates populares, instâncias públicas e Comitês de Bacias, por exemplo, promovendo a construção de *sujeitos ecopolíticos* (Layrargues 2020), que percebam as confluências entre afluentes ambientais e políticos.

### **Afluentes poéticos: sentir com a água entre sentidos e expressões**

Como segundo afluente desse imaginário que compõe o rio, a poética nos convida a adentrar no sensível, na dimensão dos sentidos e das respostas do corpo nessa hidrodinâmica: o *sentir água*. A expressão da poesia suspende uma simples visão instrumental da água, que pela sua fluidez traz diversas maneiras de ocupar espaços e tomar formas, inclusive sob diferentes culturas e relações com a natureza. Assim, “para além da sua utilidade positivista, a água é um símbolo sagrado, muitas vezes como origem da vida ou suas celebrações. Há, então, uma cosmologia poética que busca na água outras significações, além da sua funcionalidade humana” (Luiz & Sato 2020).

O filósofo e poeta Bachelard (1997) diz que “o verdadeiro olho da terra é a água”, sendo a água aquela que vê e que sente. Essa expressão, por si só, admite a existência de poesia na

água e suas manifestações hidrológicas, como o rio. Não obstante as nascentes são também chamadas de olhos d'água e são protegidas, assim como todo o rio, por uma vegetação ripária, também chamada de matas ciliares<sup>15</sup>, que vêm dos “cílios”. Não seria poesia juntamente com a ciência?

Vianna (2021), nos conta que a relação íntima com a água nos territórios permite gerar *corpos adquiridos*, ou seja, partes adquiridas como nariz, com o cheiro, língua, com o gosto, e pele, com o toque e a temperatura. Isso só é possível pelo sentir, da intimidade e do afeto com a água.

Ainda sobre essas perspectivas, Masaru Emoto (2004) nos brinda com a poética em pesquisas sobre as microestruturas dos cristais de água congelada em corpos hídricos do Japão e do mundo. Entre questionamentos como “Qual é a diferença na informação que cada tipo de água guarda? Há alguma maneira possível de se ver isso?” (Emoto 2004), o pesquisador busca na sensibilidade aguçar relações de sentidos entre si e a água, por meio dos sons, de falas e por meio de fotografias. Ele percebe que

Ao fotografar, nós observamos o processo de cristalização milhares de vezes. Então, estranhamente, viemos a sentir e ver o cristal tentando transformar-se numa "bela aparência de cristal" de água, e que as fotos carregavam mensagens maravilhosas. Sentimos que a água tentava nos dizer algo. Acabamos compreendendo que essas fotos mostram diferentes "faces da água". A água está, basicamente, tentando com esforço e bravura ser "Água limpa! Quero ser água limpa!" Sentimos que tal declaração vinha dos cristais de água (Emoto 2004: 30).

É a água falando! Estamos ouvindo?

Nas observações das diferentes “faces da água”, o pesquisador percebeu que existem outras formas de linguagem e que as informações podem ser passadas, não só por palavras ou figuras, mas também pelas formas (Emoto 2004). São expressividades capazes de provocar maremotos no território do imaginário e causar diversos estranhamentos. Como isso é possível?

---

<sup>15</sup> As matas ciliares, também chamadas de vegetação ripária, são tipos de vegetação que se localizam próximo às margens dos corpos hídricos, funcionando como verdadeiros filtros capazes de regular o fluxo de água e sedimentos e impedindo um rápido e intenso escoamento superficial, evitando assoreamentos, assim como cílios protegem os olhos humanos como barreira que filtra a entrada de poeira e outras partículas.

Como explica? A boa notícia é, como Sônia Palma<sup>16</sup> (2021) nos traz com sua experiência narrativa em nosso curso e navegando pela pesquisa da poesia e da ciência, “quem se lança nas águas borbulhantes em busca de possibilidades jamais teme a pretensão de explicar o mundo, mas de se deixar fascinar por ele” (Palma 2011).

Navegando pelos cursos do rio, suas formas também emergem poesia - e também críticas e políticas. Os rios cobrem a maior parte da superfície terrestre e são verdadeiros modeladores de paisagem (Press et al. 2006). Nada melhor do que eles para hidratar nosso imaginário com possibilidades de mudanças. Ao longo de seus percursos, rios podem assumir formas, dentre elas duas em destaque: entrelaçados e meandrantés. Rios entrelaçados são manifestações que expressam os entrecruzamentos entre canais que se subdividem-se para depois formar um novo padrão, modelado por essa mistura. O rio entrelaçado como uma zona de cruzos possibilita um imaginário capaz de conceber um padrão anárquico sobre os próprios padrões, visto que o fluxo passa a ser um vir a ser, um *rio sendo*<sup>17</sup> (Freire 2020).

Outra manifestação hídrica dos rios são os chamados rios meandrantés. Essa configuração tem esse nome devido a formação de meandros, curvas acentuadas e longas que ocorrem em planícies aluviais ou terrenos sedimentares horizontais (Press et al. 2006). Os meandros evocam a poética da suavidade e da leveza no percurso, uma perspectiva antagônica ao sistema acelerado que vivemos, potencializado pelo progresso e desenvolvimento. Embasados por essas narrativas hegemônicas e trazendo a questão dos rios, muitos sofrem o processo chamado de retificação<sup>18</sup>, também ocorrido no Rio Macaé.

A retificação de canais fluviais é um processo no qual os rios são artificialmente modificados na sua forma através do aprofundamento e/ou alargamento da calha fluvial e da retirada de meandros alterando, sobremaneira, a forma em planta e o perfil longitudinal dos canais, o que interfere diretamente e indiretamente em todo o sistema fluvial da bacia (Assumpção & Marçal 2012: 20).

---

<sup>16</sup> Sônia Palma é pesquisadora e educadora que participou como palestrante do 3º encontro do Curso Formativo “*Construção de propostas metodológicas em Educação Ambiental: a questão hídrica*”.

<sup>17</sup> O *rio sendo* é uma analogia ao *mundo sendo* evocado por Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia: “O mundo não é. O mundo está sendo”*.

<sup>18</sup> Não confundir retificação ou retinização com *retilíneo*, um tipo de configuração hidrossedimentar de alguns rios ou partes de rios.

A Bacia do Rio Macaé teve aproximadamente 60 km do canal principal retificado, além de outras porções afluentes, sendo que anteriormente tinha configuração meandrante (Assumpção & Marçal 2012). Os pesquisadores Francisco Esteves<sup>19</sup> (2021) e Ana Petry<sup>20</sup>, no nosso curso formativo, abordam essa temática. Esteves (2021) diz que, na época, a retificação vinha para “consertar”, “corrigir” e “restaurar”, nas palavras dos engenheiros, “como se a natureza estivesse errada fazendo essas curvas” (Esteves 2021). Nesse processo de retificação, existem diversas consequências, como eliminação de lagoas, vegetação marginal, refúgios para a diversidade de peixes (Esteves et al. 2015), em que “a biodiversidade é eliminada para dar lugar ao 'progresso'”, do assoreamento dos rios, enchentes (Esteves 2021) e da acentuação da presença de espécies não nativas, que alteram a hidrologia do rio (Petry 2021). Afinal, onde está a poética nisso tudo?

O poeta pantaneiro Manoel de Barros diz que “a reta é uma curva que não sonha” (BARROS 2010). Se são nas curvas que moram os sonhos, a imaginação e os devaneios, os meandros são verdadeiras potências do imaginário. Rios meandrantés são resistência e reexistência para imaginar novos mundos e inspirações para deter esse processo de retificação do imaginário, que busca gerar *vidas retas*<sup>21</sup>, que não sonham.

### **Confluências imaginativas: sentipensares emergentes com a água**

Seguindo a corrente desse rio, afluentes políticos e poéticos se misturam ao rio principal do imaginário e, entre pensares e sentires, emerge o *sentipensar água*. O sentipensamento<sup>22</sup> (Borda, Moncayo 2015) surge como um encontro da política - *pensar água*, também atrelado ao conhecimento científico - e da poética - *sentir água*, também atrelado aos saberes -

<sup>19</sup> Francisco Esteves é docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Macaé, e participou como palestrante do 5º encontro do Curso Formativo “*Construção de propostas metodológicas em Educação Ambiental: a questão hídrica*”.

<sup>20</sup> Ana Petry é docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Macaé, e participou como palestrante do 5º encontro do Curso Formativo “*Construção de propostas metodológicas em Educação Ambiental: a questão hídrica*”.

<sup>21</sup> *Vidas retas* traz alusão ao título do romance do escritor Graciliano Ramos, “*Vidas Secas*”, de 1938, que retrata problemáticas do semiárido brasileiro como desigualdades, luta de classes, miséria e o problema da seca.

<sup>22</sup> O conceito de *sentipensar* e *sentipensamento* foi trazido pelo pensador Orlando Fals Borda e que surge como uma aproximação entre a objetividade e a razão presentes no campo acadêmico das ciências com as subjetividades inerentes ao processo de investigação, relacionadas às vivências, experiências e sentimentos que emergem das relações.

permitindo que objetividades e subjetividades tributárias<sup>23</sup> se conectem e formem um campo simbólico entrecruzado.

O ponto de encontro de um afluente com o rio principal é denominado confluência. Sabendo disso, o pensador quilombola Nego Bispo (2015), ao observar atentamente e intimamente o rio, atribui o mesmo nome ao encontro de diferentes cosmologias, saberes e modos de vida. Esse fluxo imaginativo e biointerativo (Santos 2015) torna-se inspiração para pensar pedagogias com a água e a partir da água, aprendendo *com* e não *sobre*, uma perspectiva que se aproxima do sentipensamento, visto que só é possível estabelecer sensibilidade à medida que exista uma proximidade afetiva àquilo que se experimenta, todos como sujeitos.

As confluências de imaginários sentipensantes com a água permitem gerar organicidade para perceber a água como vida, para além de lentes coloniais. São ajustes de foco que permitem perceber que somos água, somos vivos. A água é o reflexo da vida. Nos rios e imaginários cristalinos é possível ver o reflexo de si. É compreender que “a consciência de estar vivo deveria nos atravessar de modo que fôssemos capazes de sentir que o rio, a floresta, o vento, as nuvens são nosso espelho na vida” (Krenak 2020: 99-100). Se somos água e somos vivos, somos natureza, uma manifestação, dentro de uma perspectiva multiespecífica e coletiva.

Devíamos admitir a natureza como uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo: 70% de água e um monte de outros materiais que nos compõem. E nós criamos essa abstração de unidade, o homem como medida das coisas, e saímos por aí atropelando tudo, num convencimento geral até que todos aceitem que existe uma humanidade com a qual se identificam, agindo no mundo à nossa disposição, pegando o que a gente quiser. Esse contato com outra possibilidade implica escutar, sentir, cheirar, inspirar, expirar aquelas camadas do que ficou fora da gente como “natureza”, mas que por alguma razão ainda se confunde com ela (Krenak 2019: 69-70).

### **Foz: pedagogias distributárias, ecótonos de saberes e olhares mais que humanos**

Um rio, como *rio sendo*, jamais deixa de ser rio. A água que percorre seu fluxo já fluiu, flui e fluirá muitas vezes como rio. No entanto, esse rio possui uma identidade e uma gênese (Sato 2011), e, logo, possui um final como essa formação temporária. Esse “fim” é denominado foz ou desembocadura. Ana Petry (2021) nos diz que a foz é onde todas as informações de

---

<sup>23</sup> Nome dos rios menores que desaguam no rio principal, também conhecidos como afluentes.

relação dos seres rio acima, a montante, chegam e, “nesse sentido, Macaé é uma sala de aula pra gente” (Petry 2021). A foz pode assumir algumas arquiteturas sedimentares, dentre elas a forma deltaica ou em estuário. O delta é um tipo de foz formada por canais ou braços que se distribuem em direção a outro corpo hídrico.

Quando um rio aproxima-se de seu delta, onde o perfil do declive é quase nivelado com o mar, ele inverte seu padrão de drenagem ramificada do curso superior. Ao invés de coletar mais água de seus tributários, ele descarrega água por meio dos distributários - canais menores que se ramificam a jusante a partir do canal principal e que recebem deste água e sedimentos, para serem por eles distribuídos (Press et al. 2006: 359).

Desse delta e dos distributários, surge um espaço de distribuição pedagógica em uma zona sedimentar responsável por formar esses canais. O que chamamos de *pedagogias distributárias* são as diferentes formas metodológicas já existentes ou que surgem desses fluxos, niveladas em horizontalidade que servem como canais pedagógicos responsáveis por irrigar suavemente o imaginário pedagógico potencial em fluxos misturados no leito, cada qual com uma contribuição para ao encontro de outros mundos com a água. Admite-se como distributários, nesse contexto, pedagogias descoloniais e contra-hegemônicas que podem contribuir para sentipensar o Rio Macaé, como por exemplo, a pedagogia do oprimido (Freire 2013); a cartografia do imaginário (Sato 2011); a ecologia de saberes<sup>24</sup> e as epistemologias do Sul (Santos 2007; Santos & Meneses 2010; Santos 2019); metodologias sensíveis e colaborativas não extrativistas (Fasanello, Nunes & Porto 2018), a Educação Ambiental multiespécie (Almada & Venancio 2021), a Educação Ambiental *desde el sur* (Kassiadou et al. 2018), *imaginamundos* (Costa et al. 2021), além de pedagogias que brotam dos territórios, das comunidades tradicionais e dos movimentos socioambientais.

Outra formação de desembocadura é o estuário. Um estuário é um ecossistema fundamental para o equilíbrio ecológico de zonas costeiras, rico em biodiversidade e representa uma zona de transição entre oceano e continente. O Rio Macaé desemboca como estuário e possui uma grande heterogeneidade e importância como ponto de transição para ecossistemas como manguezal, restinga e pântano (Sayd 2014). Além dessas características geomorfológicas,

---

<sup>24</sup> Atribui-se aqui uma perspectiva da *ecologia de saberes* além do saber humano sobre a natureza, mas sim, com a natureza e admitir tal característica à própria natureza, considerando todos os vivos detentores de saberes, como propõem Almada e Venancio (2021).

o território do estuário conta com narrativas de existências, cerca de 8 mil anos, com grupos nativos de pescadores e coletores de moluscos (Freitas et al. 2015), de resistências indígenas Goitacás e Tupinambás em embates com os colonizadores portugueses nos séculos XV e XVII (Sayd 2014) e resistências diaspóricas negras de grupos escravizados e, posteriormente, reexistências das colônias de pescadores e ribeirinhos, ocupando a foz do Rio Macaé até os dias de hoje (Freitas et al. 2015). Todas essas narrativas são reservatórios para conhecimentos e saberes que acompanham o fluxo do imaginário coletivo macaense e que desembocam em uma zona, além de política, poética: *o ecótono pedagógico*.

Mediante a todas as circunstâncias apresentadas ao longo desse texto, a poética do estuário, rico em vida, saberes e narrativas, surge como potência para imaginar mundos mais que humanos com a água. Uma diversidade de seres encantados preenche esse ecossistema socioecológico, dentre eles uma diversidade vegetal, de aves, insetos, crustáceos e peixes. Por meio desses corpos hídricos, é possível ampliar o imaginário quando mudamos de perspectiva, ajustando nosso foco aos olhos de outros seres, como o *olhar de passarinho* (Sato 2011).

A professora Ana Petry (2021) nos brinda com o *olhar do peixe*, que possui uma anatomia bastante similar aos vertebrados e que conta com células fotossensíveis da retina chamadas cones e bastonetes. Os cones são responsáveis pela percepção das cores mais brilhantes, presente em grande quantidade nas piabas, e conseguem ver o rio com mais nitidez na parte do dia. Já os bastonetes são estruturas sensíveis à baixa luminosidade, mais presente nos cascudos e bagres, que conseguem ver o rio quando possui maior turbidez ou na noite (Petry 2021). Cada espécie verá o rio de maneira diferente. Logo, quando o rio está limpo, que possamos enxergar como as piabas, para perceber a beleza das múltiplas cores. O rio está sujo? Por que o rio está tão turbido? O que aconteceu? Que usemos expandir nossos bastonetes como cascudos e bagres para podermos enxergar outras perspectivas e responder estas perguntas!

No entanto, tem perspectivas que somente os peixes vão poder nos responder. Existe uma região do olho, o cristalino, que funciona como uma lente e é responsável pela focalização das imagens. Petry (2021) nos mostra que os peixes possuem a região do cristalino mais densa e mais extensa, pois vivem debaixo d'água, que funciona como uma lente refrativa e impede a chegada mais abrangente de luminosidade. Portanto, precisam de uma estrutura mais adaptada. São olhares orgânicos que não possuímos. O que os peixes veem? Precisamos escutá-los. Assim, a professora Ana Petry conta:

O olhar do peixe, no meu sentido aqui, foi que, quando eu chego próximo de um rio, em primeiro lugar, reverencio aquele lugar, sabendo que a gente saiu em algum momento da história da Terra, saímos de dentro da água, enquanto outros irmãos nossos ainda permanecem dentro da água. A água é a origem de tudo. E o olhar de peixe é saber que esses animais tão incríveis que surgiram a mais de 300 milhões de anos atrás, ancestrais, desses peixes atuais, dependem tanto do uso que a gente faz da água (Petry 2021).

Outros seres como os artrópodes, dentre eles crustáceos e insetos, que visitam as porções dos rios também possuem olhares que nos convidam a imaginar outras perspectivas. São seres que possuem *olhos compostos*<sup>25</sup>. Os olhos compostos são órgãos visuais formados por omatídeos (Brusca & Brusca 2007). Os omatídeos são células fotorreceptoras e podem chegar aos milhares. Brusca e Brusca (2007) explicam que o olho composto vai funcionar como um pequeno receptor de imagem, na qual será formada pela combinação das captações imagéticas por cada um dos omatídeos, formando um verdadeiro mosaico de imagens. Imagina poder olhar o rio Macaé a partir de diversas “câmeras” distintas, cada uma com uma perspectiva<sup>26</sup>? Quais são as potências imaginativas, políticas, poéticas e pedagógicas desse mosaico? É um desafio que estamos buscando mergulhar.

Assim, a partir de Almada e Venancio (2021), “uma vez que a vida, as paisagens e as histórias são construídas por meio da diversidade de formas de alianças e engajamentos entre os diferentes viventes, é preciso assumir o papel das espécies não humanas no processo educativo”. Esse é um ecótono pedagógico, um ponto de transição e transgressão dentro de uma perspectiva pedagógica capaz de promover diálogos mais que humanos e a suspensão de imaginários para repensar a maneira que estamos pisando no mundo (Krenak 2020).

Mesmo chegando ao final deste texto, o objetivo não foi, diretamente, trazer respostas para todos os questionamentos levantados, mas sim, convidar a indagar e refletir sobre como podemos aprender com os diferentes corpos hídricos viventes. Nesse caso, acreditamos que a água, em todas as suas manifestações, transformações e expressividades ecossistêmicas como o rio, nas ciclagens e entre espaços e tempos que percorreu, percorre e percorrerá, acompanhado

---

<sup>25</sup> A perspectiva do *olho composto* tem sido uma metodologia em construção do grupo *imaginamundos*, impulsionada pelo professor Rafael Nogueira Costa (UFRJ), dentro das perspectivas do Cinema Ambiental, de inovações metodológicas com a natureza e modos de viver.

<sup>26</sup> Essa pergunta foi o substrato para a realização do minicurso ao vivo “*Olho composto para repensar a escola a partir do Rio Macaé*”, ofertado pelo grupo *imaginamundos* UFRJ na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia da UFRJ, 2021.

dos seres, humanos e mais que humanos, que vivem, coabitam e dançam<sup>27</sup> com a água, são perspectivas que nos incitam a pensar outros mundos possíveis coletivamente.

### **Considerações iniciais<sup>28</sup>: por uma Educação Ambiental em busca das nascentes**

Por fim, ou começo, esse texto é construído para provocar. Abalar, chacoalhar, gerar turbulências nos campos da Educação Ambiental. Apesar de ser um campo de muitas vertentes e correntes (Layrargues & Lima 2014), é um campo que, muitas vezes, ainda se concentra em apenas uma espécie, uma manifestação da vida: o ser humano. Seja para ele, seja com ele, seja a partir dele. É notório que não podemos generalizar todos os grupos humanos, visto que existem grupos profundamente interligados com e como natureza. No entanto, em outros contextos, esse é um obstáculo epistemológico<sup>29</sup>, como traz Michèle Sato (2021), verdadeiras estagnações cognitivas que impedem a emergência de outras perspectivas de perceber o mundo e a natureza. É necessário buscar uma Educação Ambiental que se expanda, que seja multiespecífica e mais que humana, onde “a natureza deixa de ser o palco onde se desenrola a história humana e por consequência, os processos educativos” (Almada & Venancio 2021).

A provocação também é um chamado, um manifesto, para que as pessoas possam se tornar *sujeitos imaginativos*. Sujeitos que possam ir em busca de nascentes e fazê-las emergir. Estas que brotam da terra. São as nascentes que dão origem aos rios, assim como as sementes dão origem às árvores. Antes de serem rio em leito, são rios subterrâneos, que surgem dos lençóis freáticos, do chão, do território, da terra. Um rio composto por *seres encantados*<sup>30</sup>. É a imaginação atrelada ao *encantamento* como política e poética da vida em integração com as

<sup>27</sup> A dança nessa perspectiva dialoga com o que Ailton Krenak (2020) chama de *dança cósmica* da vida, a vida em fruição, para além de uma “coreografia ridícula e utilitária”.

<sup>28</sup> O termo *iniciais* foi utilizado propositalmente como manifestação dos ciclos dos elementos biogeoquímicos da natureza, inclusive o ciclo hidrológico, que enquanto cicla não existe um fim. Assim como diz o pensador quilombola Nego Bispo, a vida enquanto “*começo, meio e começo*”.

<sup>29</sup> Conceito do filósofo e poeta Gaston Bachelard, trazido em seu livro *A Epistemologia* (1971), que remete obstáculos epistemológicos à estagnação da dinâmica cognitiva que impedem o surgimento de um novo conhecimento científico.

<sup>30</sup> *Seres encantados* faz referência a um filme curta-metragem coletivo, de gênero fantástico, em processo de adaptação de roteiros e formulação pelo grupo de pesquisa/extensão *imaginamundos*, da UFRJ. O filme em construção traz perspectivas dos diferentes seres que compõem e protegem o Rio Macaé e suas margens, em uma perspectiva horizontal da vida, trazendo personagens humanos e mais que humanos, bem como reflexões poéticas e sensoriais para escutarmos o rio. O grupo participou, com um roteiro prévio, da Edição Especial de 30 anos do Festival Internacional de Curtas do Rio de Janeiro, no Festival Curta Cinema - 24º Laboratório de Projetos de Curta-metragem, 2021.

formas viventes da biosfera, exprimindo relações e conexões com diferentes espaços-tempos (Simas & Rufino 2020).

Assim, é necessário promover turbulência no Rio Macaé e em outros rios afora para que as cargas de fundo hegemônicas depositadas sejam suspensas e que outros grãos, seixos e cascalhos formem uma nova deposição coletiva. Um rio do imaginário coletivo e seus afluentes políticos, poéticos e pedagógicos é capaz de erodir e desprender bases decantadas. Por muito tempo, esse rio foi erodindo lentamente essas bases, de maneira abrasiva. No entanto, atualmente, a turbulências de contextos, resistências e reexistências têm provocado um rápido intemperismo e suspensão de grãos que antes não se suspendiam facilmente. Tudo depende da correnteza. Uma correnteza viva e livre para fluir. Como diria o grande poeta Manoel de Barros (2010): “quem anda em trilhos é trem de ferro, sou água que escorre entre pedras: liberdade caça jeito”. Vamos sentipensar com a água. Somos água. Somos nascentes.

## Referências

- ALMADA, E. D. & VENANCIO, B. 2021. “Pode a natureza falar? Perspectivas para uma Educação Ambiental Multiespécie”. *Revista Interdisciplinar Sulear*: 67-81.
- ASSUMPÇÃO, A. P. & MARÇAL, M. S. 2012. “Retificação dos canais fluviais e mudanças geomorfológicas na planície do rio Macaé (RJ)”. *Revista de Geografia (UFPE)*, 29(3).
- BACHELARD, G. 1997. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes.
- BALLESTRIN, L. 2013. “América Latina e o giro decolonial”. *Revista brasileira de ciência política*, 11: 89-117.
- BARRIENDOS, J. 2019. “A colonialidade do ver: rumo a um novo diálogo visual interepistêmico”. *Revista Epistemologias do Sul*, 3(1): 38-56.
- BARROS, M. 2010. *Poesia completa*. São Paulo: Leya.
- BORDA, O. F. & MONCAYO, V. M. 2015. *Una sociología sentipensante para América Latina*. México: Siglo XXI Editores; Buenos Aires: CLACSO.
- BRUSCA, Richard C. & BRUSCA, Gary J. 2007. *Invertebrados*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- COCCIA, E. 2020. *Metamorfoses*. Rio de Janeiro: Dantes Editora.
- COSTA, R. N.; SANCHEZ, C.; LOUREIRO, R. & SILVA, S. L. P. 2021. *Imaginamundos: Interfaces entre educação ambiental e imagens*. Macaé (RJ): Nupem/UFRJ, p. 461.

DILGER, G.; LANG, M. A. & PEREIRA, J. F. 2016. *Descolonizar o imaginário: debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento*. Fundação Rosa Luxemburgo. São Paulo: Editora Elefante.

EMOTO, Masaru. 2004. *As mensagens da água*. São Paulo: Editora Isis.

ESTEVES, F. A. et al. 2015. *Carta das águas de Macaé: contribuição do Nupem/UFRJ para a governança dos recursos hídricos de Macaé(Caderno 6)*. Macaé: Editora Nupem.

FASANELLO, M. T.; NUNES, J. A. & PORTO, M. S. F. 2018. “Metodologias colaborativas não extrativistas e comunicação: articulando criativamente saberes e sentidos para a emancipação social”. *Reciis - Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde*, 12(4).

FREIRE, P. 2020. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 64.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra.

FREITAS, L. E. et al. 2015. *Atlas Ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio Macaé*. Rio de Janeiro: Editora Nova Tríade do Brasil Ltda.

GONÇALVES, E. C.; LOUREIRO, R. & RAMALHETE, M. P. 2020. *Isolad@s: reflexões artísticas e teórico-críticas sobre o isolamento social no contexto da pandemia*. Espírito Santo: Nepefil/UFES.

GROSGOUEL, R. 2016. “A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI”. *Sociedade e Estado*, 31(1): 25-49.

GROSGOUEL, R. 2008. “Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global”. *Revista crítica de ciências sociais*, 80: 115-147.

JUNIOR, Luiz Rufino Rodrigues. 2018. “Pedagogia das encruzilhadas”. *Periferia*, 10(1): 71-88.

KASSIADOU, A. 2018. *Educação Ambiental desde el sur*. Macaé: Editora Nupem.

KOPENAWA, D. & ALBERT, B. 2015. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Editora Companhia das Letras.

KRENAK, A. 2020. *A vida não é útil*. Companhia das Letras.

KRENAK, A. 2019. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.

LAYRARGUES, P. P. & LIMA, G. F. C. 2014. “As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira”. *Ambiente & sociedade*, 17: 23-40.

LAYRARGUES, P. P. 2020. Manifesto por uma Educação Ambiental indisciplinada. *Ensino, Saúde e Ambiente*.

- LEAL, N. S. et al. 2019. “Das confluências, cosmologias e contra-colonizações. Uma conversa com Nego Bispo”. *Revista EntreRios do Programa de Pós-Graduação em Antropologia*, 2(1): 73-84.
- LOUREIRO, C. F. B. 2014. *Sustentabilidade e educação: um olhar da ecologia política*. Cortez Editora.
- LUIZ, T. C. & SATO, M. 2020. “Debaixo d’água: o Quilombo ‘Mata Cavalo’ mergulha no imaginário de Bachelard”. *Quaestio-Revista de Estudos em Educação*, 22(2): 589-607.
- PALMA, S. 2011. *Cartografia do imaginário: a dimensão poética e fenomenológica da Educação Ambiental*.
- PORTO, M. F. S. 2019. “Crise das utopias e as quatro justiças: ecologias, epistemologias e emancipação social para reinventar a saúde coletiva”. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24: 4449-4458.
- PRESS, F. et al. 2006. *Para Entender a Terra*. 4. ed. Porto Alegre: Bookman Editora.
- RUFINO, L. R.; CAMARGO, D. R. & SÁNCHEZ, C. 2020. “Educação Ambiental Desde El Sur: a perspectiva da terrexistência como política e poética descolonial”. *Revista Sergipana De Educação Ambiental*, 7: 1-11.
- SANTOS, A. B. dos. 2015. *Colonização, Quilombos: modos e significados*. UNB/INCTI.
- SANTOS, A. B. 2019. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Autêntica. pp. 1-37.
- SANTOS, B. S. 2007. “Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes”. *Novos estudos CEBRAP*: 71-94.
- SANTOS, B. S. & MENESES, M. P. 2010. “Epistemologias do sul”. In: *Epistemologias do Sul*. pp. 637-637.
- SATO, M. 2011. “Cartografia do imaginário no mundo da pesquisa”. In: F. J. P. Abílio, *Educação ambiental para o semiárido*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB. pp. 540-570.
- SAYD, João. 2014. “O meio ambiente como definidor de fronteiras e centralidades no estuário do rio Macaé”. *APP URBANA*, 3.
- SIMAS, L. A.; RUFINO, L. 2020. *Encantamento: sobre política de vida*. Mórula Editoria.
- SPIVAK, G. C. 2010. *Pode o subalterno falar*. UFMG.
- VIANNA, R. 2018. “Sobre os recursos híbridos”. In: *Clamor das águas: a busca por uma nova identidade para as águas minerais no Brasil*. Florianópolis: CAXIF/UFSC. pp. 35-48.

**Encontros do Curso de Formação “*Construção de propostas metodológicas em Educação Ambiental: a questão hídrica*”. As citações ao longo do texto são as sínteses das ideias dos autores autoras que dialogaram e emprestaram suas imaginações sobre a água para que pudéssemos tecer esse fluxo.**

MASSONI, P. C. M. 2021. *Educação Ambiental: olhares iniciais*. Paulo Massoni - doutorando do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). 2021.

MOLISANI, M. M. 2021. *Balanço hídrico na bacia do Rio Macaé: subsídio à gestão dos recursos hídricos frente a implantação de empreendimentos econômicos em Macaé*. Maurício Molisani - docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

VIANNA, R. 2021. *Recurso híbrido: ecologia política da água mineral*. Raphael Vianna - docente da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

SATO, M. 2021. *Introdução à Cartografia do Imaginário*. Michèle Sato - docente da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT).

PALMA, S. 2021. *Cartografia do Imaginário: a dimensão poética e fenomenológica da Educação Ambiental*. Sônia Palma - é pesquisadora e educadora, mestre em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT).

ESTEVES, F. A. 2021. *De Aristóteles à crise da água*. Francisco Esteves - docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

PETRY, A. C. 2021. *Conhecendo o rio pelos olhos dos peixes*. Ana Petry - docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).